

O apocalipse segundo Jair Messias



Por JEAN TIBLE*

Força profética e trágicas experiências do século passado nos colocam nessa situação paradoxal na qual uma transformação radical nunca foi tão necessária frente a esse presente tão absurdo e sem sentido

Revelação

O movimento revolucionário sempre desejou um apocalipse como fim dos tempos – e início de novos. Os parceiros Marx e Engels vibravam com os anúncios de uma crise econômica possivelmente fatal ao capitalismo e da hecatombe redentora por vir. Força profética e trágicas experiências do século passado nos colocam nessa situação paradoxal na qual uma transformação radical nunca foi tão necessária frente a esse presente tão absurdo e sem sentido, nessa era de múltiplas crises acopladas e colapsos articulados. Mas o movimento, no entanto, emperra.

Outras profecias vinham anunciando outro fim de mundo, desde o magnífico *A queda do céu*, de Davi Kopenawa (e Bruce Albert)¹ a acontecimentos do ano passado como o sinistro dia do fogo na Amazônia brasileira ou na imensa queimada na Austrália, que afetou diretamente um quarto da sua população. São tantos cataclismos recentes, que já nos mostravam o fim de uma era. A explosão dos reatores de Tchernóbil. A de Fukushima. O desastre industrial de Bophal. O desabamento do Rana Plaza. O furacão Katrina devastando a pobre e negra New Orleans. Mariana, Brumadinho e Belo Monte por aqui. Num escopo mais longo, o etnocídio dos povos ameríndios e a escravidão dos povos africanos e tantos outros genocídios – “a força radical da Negritude reside na virada do pensamento; o conhecer e o estudar conduzidos pela Negritude anunciam o Fim do Mundo *como o conhecemos*”.²

Nas suas origens gregas, apocalipse significa des-vendar, des-cobrir, revelar. O que nos diz a pandemia?

Ombre d’Aralia, Lourdes de Castro (1977)

A miséria das nossas relações sociais, com suas desigualdades aberrantes

Velhos morrem solitários sem serem velados e chorados decentemente em várias partes na Europa. Jovens Yanomami são enterrados num abjeto desrespeito aos seus [ritos funerários](#). Moradores de rua, favelados, migrantes, presos, sem teto e precários à mercê e trabalhadoras da saúde trabalhando sem proteção adequada em todo canto. As polícias militares nas duas maiores cidades ([Rio de Janeiro e São Paulo](#)), que já apresentavam altos índices de morte de cidadãos, veem, nos últimos meses, seu número estourar assim como casos sinistros e emblemáticos de violências policiais³. O desmatamento cresce brutalmente no Brasil (inclusive em relação ao recorde do ano passado), assim como dispara a violência doméstica (aqui e em tantos países). A fome na espreita novamente. Pretos e pobres, latinos e indígenas morrendo nas duas sociedades de fortes traços escravocratas e extremamente desiguais (a estadunidense e a brasileira), que provavelmente serão as mais afetadas do mundo pelo novo coronavírus. Numa macabra atualização do *¡viva la muerte!* do fascismo franquista na Espanha, uma *influencer* declara de modo “provocativo” na chegada da epidemia ao Brasil: foda-se a vida.

A fraqueza das infraestruturas coletivas, fragilizadas pelas cruéis políticas de austeridade

A destruição da saúde coletiva se mostra como parte de uma precariedade induzida pela destruição das redes de solidariedade construídas e conquistadas com a ascensão da classe trabalhadora desde o fim do século 19. Políticas da morte e do dano⁴. Tal precarização fomenta sentimentos de insegurança e medo, por conta do isolamento social em detrimento da solidariedade e apoio mútuo e que se aguçam nesse contexto pandêmico. No caso da China, as recentes epidemias evidenciam sua relação com a degradação da saúde dos de baixo, com poucos investimentos públicos nessa infraestrutura da vida em detrimento da “de tijolo e concreto – pontes, estradas e eletricidade barata para a produção” Colectivo Chuang, [Contágio Social](#). No Brasil, sem o Sistema Universal de Saúde (SUS), fruto das lutas de movimentos populares e médicos sanitaristas na década de 1980 e garantido na Constituição de 1988, e apesar de suas fragilidades (como o subfinanciamento histórico e descaso nos últimos anos), a tragédia (são várias semanas seguidas com uma média diária de mais de mil mortos) seria ainda maior.

As mentiras e autoritarismos dos governos

No contexto atual, as mentiras são generalizadas: de Trump e Bolsonaro, obviamente, mas também da França de Macron onde por não estocar mais equipamentos de proteção (por ser considerado caro e poder ser abastecido pelo fluxo de logística a qualquer momento – saúde administrada como empresa contemporânea), médicos e autoridades negavam a necessidade do uso de máscaras e profissionais da saúde atendiam com sacos de plástico improvisados. Democracias? A face repressiva ativada muito facilmente (contra estrangeiros ou populações indesejadas, fora de certas normas) que a do cuidado (arrancada pelas lutas) na qual a maioria dos governos nitidamente fracassou. Na Argélia, só a pandemia parou o movimento Hirak e, durante a mesma guerra, centenas foram presos. A ridícula retórica da guerra antes ativada contra os protestos (como no Chile), agora é a respeito do vírus – em ambos os casos, os alvos são as pessoas, suas vidas-lutas.

Natureza morta (2016-2019), de Denilson Baniwa

No governo brasileiro, o negacionismo (antes do aquecimento global e das múltiplas desigualdades; agora, da pandemia também) impera. As reações de Jair Messias Bolsonaro (que se infectou recentemente e reforçou sua propaganda da cloriquina) às mortes são de escárnio: “Eu não sou coveiro”, “Todos nós iremos morrer um dia”, “E daí? Quer que eu faça o quê?”, “Não estou acreditando nesses números”. Falta de empatia é pouco, trata-se de uma necrofilia e de um plano: deixem morrer os mais vulneráveis; supostamente para salvar a economia, que já andava recessiva antes da pandemia e naufraga ainda mais com a má gestão em curso.

Dois ministros da saúde já saíram e o interino (há mais de dois meses no cargo, mas ainda não oficializado) é um general que nada entende do assunto e demitiu quadros de carreira do ministério, colocando em seu lugar dezenas de militares que tampouco dominam as questões de saúde pública. Além disso, tentou ocultar os dados e cancelou as entrevistas diárias, agravando uma ação já extremamente falha do governo federal, que não comprou nem respiradores nem equipamentos de proteção e boicotou o confinamento (deixando as ações institucionais unicamente para os governos estaduais e municipais). Pior, Bolsonaro vetou iniciativas dessas entidades sub-nacionais como multas por não usar máscaras ou sua distribuição para quem mais precisa. Isso é especialmente grave no caso das [populações indígenas](#), quilombolas e outras ditas comunidades tradicionais. O governo, por um lado, recusou verba de emergência para fornecer água potável, materiais de higiene, limpeza e assistência hospitalar e, por outro, incentiva invasões de garimpeiros e grileiros, além de desestruturar os órgãos governamentais que poderiam dar conta dessas funções (de cuidado e de fiscalização)⁵. Um genocídio que não acaba nunca, um choque microbiano que se atualiza sinistramente nesses cinco séculos de epidemias (sarampo, varíola, cólera, gripe, coqueluche, pneumonia – e capitalismo)⁶.

Os elos entre capitalismo e natureza (máquina de destruição colonial)

O novo coronavírus (e seus antecessores) foi “gestado no nexo entre a economia e a epidemiologia”, passando de animais para pessoas humanas. Esse “salto de uma espécie para outra é condicionado por questões como proximidade e

regularidade do contato, que constroem o ambiente em que a doença é forçada a evoluir” e se alimenta da “panela de pressão evolutiva criada pela agricultura e urbanização capitalistas”. O agronegócio, a agricultura industrial e suas monoculturas (de grãos e animais, mas também existencial), constituem um meio ideal para seu desenvolvimento. Tal compreensão se reforça no Brasil, onde esse setor chave da economia foi um dos primeiros do empresariado a apoiar em peso o candidato Bolsonaro e compõe uma subjetividade de tons fascistas, de eliminação de povos indígenas, quilombolas e sem-terra – a boa e velha questão da terra⁷.

Floresta de Pé, Fascismo no Chão, por Denilson Baniwa

O vice-presidente, general Mourão, vai glorificar a colonização portuguesa do Brasil, colocando os bandeirantes e os donos de engenho (os “senhores do açúcar”) numa linhagem “empreendedora” e como fazedores do Brasil, traçando seu “destino manifesto de ser a maior democracia liberal do Hemisfério Sul”. A privatização das terras roubadas dos habitantes desse território – que marcam o início do Brasil – é vista como a “mais avançada tecnologia da época”⁸. Existe, nessas concepções, uma nostalgia de um passado colonial “cuja cultura era rural, agrária, religiosa e patriarcal”. Nesse contexto, do século 17, “enquanto os senhores de engenho levantavam igrejas e protegeriam o povo, viris ‘bandeirantes’ chefiavam milícias de mestiços em expedições pelo sertão adentro para apresar índios e buscar riquezas naturais, extraindo da exuberante natureza o máximo que podiam”. Bolsonaro vem diretamente disso, dessas marcas atuais da colonização e seu “culto da morte e da violência”⁹. Sua distópica “idade de ouro” é externa ao Brasil (está nos confederados estadunidenses e hoje no vínculo bandeirante-miliciano), num curioso nacionalismo subordinado. Esse enfrentamento, de séculos, da fuga libertadora contra os escravocratas, prossegue: na esteira do levante #blacklivesmatter e suas ressonâncias globais, o governador de São Paulo (da direita tradicional, mas eleito com os votos e pautas bolsonaristas) vai se precaver e proteger preventivamente a horrenda estátua de um bandeirante para que não fosse derrubada¹⁰.

Eis o projeto do governo Bolsonaro e seus profundos laços com a história do país: “o problema dos índios é que as terras dos índios são terras da União, e o objetivo do governo é privatizar. E mais do que do governo, das classes que o governo representa, das quais ele é o jagunço, porque é isso que ele é: o jagunço da burguesia”. Daí sua obsessão (e dos militares em geral) com a Amazônia, pois simboliza esse enfrentamento entre concepções-práticas da terra no Brasil desde 1500. Eles querem completar a conquista e, nesse sentido, “estamos assistindo a uma espécie de ofensiva final [contra os povos indígenas](#)”. Ao não tratarmos (sobretudo nesse período da redemocratização, dos anos 1980 para cá) de forma mais contundente nossas chagas coloniais (desigualdades profundas, genocídio dos jovens negros e etnocídio dos povos indígenas), ao nunca acertamos as contas com esses crimes, as regiões mais violentas de um país extremamente violento passam a ter uma importância ainda mais crucial e apontam para uma nacionalização de suas trágicas situações: a Baixada fluminense e a Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro com suas milícias, o Mato Grosso do Sul (MS) e o massacre nunca interrompido e o Pará e a Amazônia em chamas. Não por acaso, o MS, estado de menos de três milhões de habitantes, tinha dois ministros (agora só uma, o da saúde foi demitido) e ambos ligados a posições anti-indígenas, compondo uma sinistra mescla com a influência miliciana e latifundiária escancaradas.

Máquina de morte

A máquina de morte é constitutiva do que chamamos Brasil, a novidade desse governo é que ele a celebra. Deleuze, ao trabalhar Espinosa, celebra sua filosofia da vida, que se distancia de tudo o que nos separa dessa e o que a envenena com as categorias de Bem e do Mal e, sobretudo, o ódio, “incluindo o ódio voltado contra si mesmo, a culpa”. É curioso notar que Bolsonaro, vindo do Vale da Ribeira, território mais pobre de São Paulo, onde a Mata Atlântica foi menos desmatada e com forte presença quilombola, indígena e camponesa. Um ódio de si mesmo? Para Espinosa-Deleuze, “a tristeza serve à tirania e a opressão”¹¹ e gera impotência – ao contrário da alegria, que ativa.

Apoios e oposições

Frente a essa tragédia, Bolsonaro mantém certo apoio (25-30%), ainda que sua rejeição tenha crescido, se aproximando dos 50% da opinião. Nesse ano e meio de governo, Bolsonaro perdeu um dos seus pilares, Sergio Moro, da pasta da Justiça, figura fundamental da operação “anti-corrupção” Lava Jato e decisivo na vitória eleitoral (ao condenar e tirar do pleito o

candidato que liderava as pesquisas, Lula). Seus apoios se situam nos militares (milhares ocupam cargos governamentais¹²), pastores evangélicos e agora nos partidos do chamado centrão (que tendem a apoiar todos os governos das últimas décadas em troca de cargos e verbas), mas também numa movimentação fascista na sociedade (setor duro do bolsonarismo) e no apoio das classes dominantes. Até a prisão em junho do seu amigo, antigo assessor do filho Flávio e aparente elo com as milícias, Fabrício Queiroz, Bolsonaro parecia somente esticar a corda, aparecendo em manifestações nas quais parte das pautas era o fechamento do STF e do Congresso. A temperatura estava subindo, mas com esses escândalos ligados aos Bolsonaros, ele parece ter optado por recuar, para proteger a família. Apesar de tudo, não existe ainda clima político para *impeachment* (apesar de dezenas de pedidos já protocolados) e por ora “as elites políticas, econômicas e judiciais oferecem um acordo de ‘normalização’ a Bolsonaro”¹³.

Nessas delicadas circunstâncias, “quase não se ouve a palavra do setor mais poderoso da sociedade, a classe capitalista. As entidades representativas do capital agrário, industrial e financeiro (CNA, CNI, Fiesp, Fierj, Febraban etc.) mantêm um silêncio ensurdecedor, em meio aos rapapés com o ministro [Paulo Guedes](#)”. Como no episódio do dia do fogo, os donos de dinheiro só se manifestam quando a imagem do Brasil no exterior passa a prejudicar seus negócios imediatos – alguns banqueiros e empresários escreveram ao vice-presidente, presidente do Conselho Nacional da Amazônia Legal, cobrando um plano de proteção ambiental e produção sustentável. O andar de cima aposta, assim, num controle de Bolsonaro (sem o bolsonarismo, sua face mais extrema). A figura-chave nessa perspectiva é o Ministro da Economia, Paulo Guedes, o outro pilar do governo que restou.

Isso pode ser nitidamente observado numa reunião ministerial, sintomaticamente realizada no dia da mal-chamada descoberta do Brasil (22 de março). Des-cobriu o governo em sua subserviência e mediocridade, em suas duas horas de horrores (na forma e no conteúdo¹⁴), divulgadas depois da saída de Moro e sua briga com Bolsonaro, acusando-o de intervir na Polícia Federal do Rio para poupar sua família de investigações. Presença forte do governo, a reunião mostra um Guedes à vontade, falando somente menos que o presidente e muito mais do que o ministro da Casa Civil, responsável pelo plano de investimentos que era a pauta da reunião.

Três pontos de suas intervenções chamam a atenção. Primeiro, incomodado com propostas de aportes estatais em infraestrutura de alguns colegas, o Ministro da Economia contrapõe uma ideia de ter um milhão de jovens aprendizes nos quartéis, que receberiam 300 reais (o salário mínimo é de 1.045 reais) para aprender a disciplina e executar essas obras. Em seguida, solta a proposta de abrir *resorts*/cassinos com centros de negócios e outros serviços mais (inclusive em área de proteção ambiental, de acordo com o desejo de Bolsonaro de transformar Angra dos Reis, no litoral do Rio de Janeiro, em uma Cancun). Eis as propostas ditas estratégicas, o plano Guedes. Seria essa uma chave para compreender a obsessão da extrema-direita com Cuba, no caso pela Cuba colonial pré-revolução de 1959?

Enfim, Guedes ilustra bem os laços indissociáveis entre as vertentes supostamente “civilizada” e técnica de uns e os toscos e ideológicos de outros: “cita Hjalmar Schacht, ministro da Economia da Alemanha nazista (1934-1937): ‘a reconstrução da Alemanha na Segunda Guerra, na Primeira Guerra com o Schacht. A Segunda Guerra, com o Ludwig Erhard, [...] a reconstrução da economia do Chile com os caras de Chicago. [...] o caso da fusão das duas Alemanhas. Eu conheço profundamente, no detalhe, não é de ouvir falar. É de ler oito livros sobre cada reconstrução dessa”¹⁵. Guedes, elo *respeitável* com os mercados, que trabalhou no Chile durante a sanguinária ditadura de Pinochet (que chama de “transformação maravilhosa”), cita um nazista como referência. Não se trata de uma surpresa, já que os vínculos entre o neoliberalismo e autoritarismo são notórios. Von Mises defendeu que o fascismo salvou a civilização europeia. Friedman visita o ditador chileno em 1975 e Hayek viaja em 1977 e novamente em 1981 quando, em entrevista ao *El Mercurio*, declara preferir um ditador liberal a um governo democrático não liberal, pois permite uma maior liberdade econômica (essa é o valor absoluto e não a democracia) que no período anterior, de Allende. Liberdade para o capitalismo que é estável e auto-regulador¹⁶.

Isso escancara a hipocrisia de parte dos que se opõem a Bolsonaro, mas apreciam Guedes – “o bandeirantismo sertanista de Jair Bolsonaro é avô do darwinismo social de Paulo Guedes, para quem a função principal da economia brasileira é a de abastecer o mercado das metrópoles com *commodities* agrícolas, tal como ocorria no século XIX”¹⁷. São inseparáveis na guerra contra a população, ocorrendo em toda parte, mas particularmente aguda no Brasil. Como qualificar um Estado

cujos agentes disparam continuamente contra civis? Uma guerra colonial, de ocupação, sobre a qual o Brasil se assenta, em seu *continuum* de massacres contra os pobres, pretas, indígenas e outras. A pandemia aguça uma “agenda da morte”, que constitui o elo (explícito) entre as distintas ações e iniciativas do governo, como corte das políticas de solidariedade, liberalização total de agrotóxicos, desmonte das políticas ambientais, oposição à demarcação de terras indígenas, destruição das históricas e premiadas políticas de DST-AIDS, ampliação da posse e porte de armas, intenções punitivistas num país que já embarcou no encarceramento em massa, política externa de intervenção nos vizinhos. Genocídio¹⁸.

A covid-19 segura por ora protestos que poderiam ganhar outra dimensão contra esse massacre. Vão pipocar após passar essa terrível situação? Torcedores de futebol lançaram, em maio, o Somos Democracia nas ruas, protestos ocorreram no marco da explosão anti-racista nos EUA, iniciativas como “Enquanto houver racismo, [não haverá democracia](#)” se articularam e os entregadores, trabalhadores dos aplicativos, fizeram suas primeiras greves. A profunda crise econômica e social, a politização da nova geração, o trabalho contínuo das mais antigas – isso tudo pode estar gerando um caldo rebelde que poderá tomar mais vulto assim que as condições sanitárias permitirem – como em 2019 já sacudia vários cantos do planeta (Argélia, Sudão, Haiti, Chile, França, Hong Kong, Índia, Iraque, Colômbia, Equador...) e aconteceram a partir dos EUA nas últimas semanas.

A pandemia revela nossa encruzilhada planetária. Frente ao caos (à sobreposição de crises), em vários relatos, surgiria o estado de natureza e nesse sentido o mais provável como perspectiva futura seria aprofundar a revelação hobbesiana sinistra que traz a covid-19: aumento das desigualdades combinadas com mais autoritarismo e aprofundamento da guerra contra a população e da destruição do que chamamos – equivocadamente – de natureza ou meio ambiente. Um outro caminho, espinosiano, seria trilhar o sentido etimológico de catástrofe (fim súbito ou grande virada) do vírus chamado capitalismo, compreendendo esse sistema como a enfermidade mesma, causadora de adoecimento das pessoas. Mas grande virada somente se envolver organização, criação e experimentação. Em 2008, a crise parecia propiciar condições de transformações, mas nem com o ciclo de protestos do movimento das praças isso se concretizou minimamente. Tudo permaneceu ou até mesmo piorou. Agora, alguns sinais auspiciosos surgem: valorização das trabalhadoras da saúde e outras profissões mal-pagas e desvalorizadas, da saúde coletiva, pautas como a renda garantida, redes múltiplas de solidariedade e auto-reflexões coletivas.

Inúmeros povos, corpos dissidentes e seres vivos nos mostram e indicam caminhos. Os mesmos que foram tantas vezes, nos últimos séculos, colocados no campo da natureza e assim, situados como descartáveis após consumo. Esse domínio do Homem sobre a Natureza põe em risco a vida humana e sua sobrevivência depende agora de ouvir os antes considerados não modernos cujos relatos sempre levaram em conta as atividades das vidas, humanas e não humanas, e se revolucionar. Terra comum habitada contra a propriedade privada, apropriação, expropriação e exploração capitalistas.

Pensar-praticar a democracia com os dispositivos situados da inteligência coletiva dos corpos-territórios¹⁹. Contra as pandemias (coloniais, capitalistas, extrativistas, racistas, machistas, etnocidas...), novas alianças entre espécies, associação de redes das existências e internacionalismo intergaláctico.

***Jean Tible** é professor do Departamento de Ciência Política da USP.

1. S. Escrito para *euronomade* a partir do texto “apocalipse e/é revelação”. *Quarentena Times #2, jornal da pandemia da Autonomia Literária*. Agradeço a Clara Mogno, Hugo Albuquerque e Leonardo Araújo Beserra pelo estímulo.

Notas

1. Davi Kopenawa e Bruce Albert. *A queda do céu: palavras de um xamã Yanomami*. São Paulo, Companhia das Letras, 2015 [2010].
2. Denise Ferreira da Silva. [A dívida impagável](#). São Paulo, Oficina de Imaginação Política e Living Commons, 2019, p. 91.
3. <https://epoca.globo.com/brasil/ate-este-dia-eu-respeitava-farda-de-voces...>
4. Judith Butler. *Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa de*

- assembleia*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2018 [2015].
5. <https://www.socioambiental.org/pt-br/noticias-socioambientais/linha-do-t...>
 6. <https://cdn.knightlab.com/libs/timeline3/latest/embed/index.html?source=...>
 7. <https://theintercept.com/2020/07/13/quartiero-fazendeiro-bolsonaro-amazo...>
 8. <https://twitter.com/GeneralMourao> 28 e 29 de setembro de 2019.
 9. <https://insightinteligencia.com.br/a-utopia-reacionaria-do-governo-bolso...>
 10. <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/monicabergamo/2020/06/estatua-de-b...> Agradeço a Hugo Albuquerque por aguçar esse ponto
 11. Gilles Deleuze. *Spinoza Philosophie Pratique*. Paris, Éditions de Minuit, 1981, p. 39; 76.
 12. <https://www.poder360.com.br/brasil/8-450-militares-da-reserva-trabalham-...>
 13. <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/viniciustorres/2020/07/cartas-ja-n...>
 14. <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-05-22/a-integra-da-transcricao-da-...>
 15. <https://entendendobolsonaro.blogosfera.uol.com.br/2020/07/08/professor-d...>
 16. Grégoire Chamayou. *La société ingouvernable: une généalogie du libéralisme autoritaire*. Paris, La fabrique, 2018.
 17. <https://insightinteligencia.com.br/a-utopia-reacionaria-do-governo-bolso...>
 18. <https://ihudd.org/blog/1/post/nota-sobre-o-genocidio-brasileiro-31>
 19. Verónica Gago. *La potencia feminista: o el deseo de cambiarlo todo*. Buenos Aires, Tinta Limón, 2019.